

**VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
28 a 31 de outubro de 2007 • Salvador • Bahia • Brasil**

GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento
Comunicação oral

**A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE LINGUAGEM DOCUMENTÁRIA:
as linhas francesa e brasileira**

***THE EVOLUTION OF THE CONCEPT OF DOCUMENTARY
LANGUAGE: the French and Brazilian approaches***

Michely Jabala Mamede Vogel (PPGCI/USP, michelyvogel@usp.br)

Resumo: Revisão bibliográfica sobre a evolução das Linguagens Documentárias na Documentação e seu campo de estudo, a Lingüística Documentária. A revisão compreende parte das pesquisas desenvolvidas na Europa pela linha francesa, notadamente por Jean-Claude Gardin, García Gutiérrez e Hutchins, e no Brasil, pelo Grupo Temma. A partir da análise das reflexões apresentadas, propõe-se um quadro das principais características das Linguagens Documentárias.

Palavras-chave: Linguagem Documentária. Lingüística Documentária. Documentação. Linha Francesa. Linha Brasileira.

Abstract: Bibliographic review on the evolution of Documentary Languages in the Documentation and its study field, the Documentary Linguistics. The review contains some part of the developed researches in Europe by the French approach, notably by Jean-Claude Gardin, García Gutiérrez and Hutchins, and in Brazil, by Grupo Temma. Bystander analysis of the presented reflections, it is proposed a framework of the main characteristics of the Documentary Languages.

Keywords: *Documentary Language. Documentary Linguistics. Documentation. French Approach. Brazilian Approach.*

1. Introdução

A Ciência da Informação preocupa-se com a organização e recuperação da informação e, para isso, propõe metodologias e instrumentos, como os vocabulários controlados que, com o tempo, se sofisticaram na forma de Linguagens Documentárias para otimizar a indexação e a busca da informação. O conceito de Linguagem Documentária foi se refinando com o passar dos anos. E conseqüentemente, a metodologia de construção de Linguagens Documentárias foi também sendo aprimorada. Da simples identificação de ocorrência e freqüência dos termos na literatura, passou-se a propor o arranjo organizacional dos termos que tem, na noção de estrutura lingüística uma de suas referências principais.

Desde de o campo de estudos que trabalha tais instrumentos, até o que se entende por Linguagem Documentária, pode-se observar uma evolução na definição de seu conceito e funções. Dessa forma, a pesquisa faz um retrospecto do conceito da Linguagem Documentária, de acordo com a vertente francesa e seus desenvolvimentos tanto na França como no Brasil pelo Grupo Temma.

Neste levantamento, aborda-se o campo de estudos das Linguagens Documentárias e a evolução de seu conceito. Fazemos um quadro comparativo da das duas vertentes, francesa e brasileira, e com algumas indicações do que pode ser considerado o estado atual do conceito de Linguagem Documentária.

2. O campo de estudos das Linguagens Documentárias

O campo que estuda a Linguagem Documentária tem sido progressivamente delineado. Observa-se que, inicialmente, não se distingue especificamente uma área exclusiva que trate desses instrumentos, remetendo-se seu estudo à Documentação de modo genérico. Com GARDIN, as Linguagens Documentárias são incluídas no campo da Análise Documentária e é com GARCÍA GUTIÉRREZ que começa a tomar forma um sub-campo particular denominado Lingüística Documentária. Como é natural numa área em formação ou transformação, há flutuação de denominações, não se podendo identificar claramente quando as distinções efetivamente passam a ganhar corpo.

Num primeiro momento, as Linguagens Documentárias integravam o processo de Análise Documentária. A Análise Documentária, termo criado por GARDIN (1973, p.144-6), envolveria o desenvolvimento de metalinguagens que precisam ser elaboradas de forma independente, por campos separados, mas que exibem similaridades estruturais.

Posteriormente, percebeu-se que apesar da Análise Documentária fazer uso de Linguagens Documentárias, o desenvolvimento destas não é um procedimento da Análise Documentária propriamente dita. De acordo com GARCÍA GUTIÉRREZ, a “Documentação apresenta dois *corpus* que se imbricam com a lingüística: a Análise Documentária e a Lingüística Documentária” (1990, p.24-25), mas que não formam uma mesma área.

Verifica-se, portanto, que a Análise Documentária utiliza as Linguagens Documentárias, contudo não é responsável por sua elaboração. De fato, reconhece-se o papel das Linguagens Documentárias nos procedimentos de Análise Documentária. Uma Linguagem Documentária responde “pela análise de tratamento da informação com o objetivo de recuperá-la e disseminá-la” (LARA, 1993, p.4).

A partir desse reconhecimento, GARCÍA GUTIÉRREZ (1990) propôs a criação de um sub-campo da Documentação que denominou Lingüística Documentária, que compreenderia o estudo dos meios de representação da informação, com foco nas linguagens de processamento e produção para fins de circulação do conteúdo informacional.

A Lingüística Documentária é então a área responsável pelo desenvolvimento de parâmetros para a elaboração das Linguagens Documentárias, apoiando-se para isso, na Lingüística Estrutural, na Semiótica, na Terminologia e na Lógica Formal (TÁLAMO e LARA, 2006, p.207).

3. A evolução do conceito de Linguagem Documentária

O que hoje conhecemos por Linguagem Documentária recebeu diversas denominações no decorrer do tempo, de acordo com entendimento do conceito e de suas características. Neste trabalho, restringiremo-nos à exploração de algumas contribuições da vertente francesa e seus desenvolvimentos, principalmente por GARDIN, e seus desdobramentos por GARCÍA GUTIÉRREZ (Espanha) e por HUTCHINS (Inglaterra); posteriormente, trataremos da vertente brasileira que teve nessa linha sua origem. Reconhecemos, no entanto, que as diferentes vertentes atribuem diferentes denominações a esse instrumento de comutação, conforme os aspectos colocados em destaque.

Para dar uma idéia do problema, citamos DODEBEI (2002, p.40), que se reporta à dissertação de Wanderley (1973) que por sua vez apresenta um levantamento das denominações que as Linguagens Documentárias receberam ao longo do tempo. Elas foram chamadas de 'linguagens de indexação', por Melton, de 'linguagens descritoras', por Vickery, de 'codificações documentárias', por Grolier, de 'linguagens de informação', por Soergel, de 'vocabulários controlados', por Lancaster, de 'lista de assuntos autorizados', por Montgomery, e também de 'linguagens de recuperação da informação' ou 'linguagens de descrição de informação' (WANDERLEY, 1973, p.173 citado por DODEBEI, 2002, p.40).

As denominações acima põem em destaque diferentes traços: os instrumentos para realizar o processo (Melton), a função de descrição (Vickery), a artificialização (Grolier, Lancaster, Montgomery), o propósito (Soergel) e a função de recuperação. Mas é a denominação da linha européia que enfatiza os aspectos da linguagem nessas ferramentas.

3.1. A Linha Francesa

A linha européia é representada por autores como GARDIN, COYAUD, CHAUMIER, GARCÍA GUTIÉRREZ e HUTCHINS. GARCÍA GUTIÉRREZ ressalta que: “Usava-se o termo 'linguagem' para denominar instrumentos classificadores desprovidos de essência lingüística. Isso até o aparecimento das linguagens combinatórias que inspiraram, despertaram um maior interesse pela lingüística”¹ (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1990, p.76).

Jean-Claude GARDIN é um dos primeiros autores a reconhecer que a atividade de representação documentária se desenvolve no universo da linguagem. Como já apontamos, ele é o responsável pela introdução do termo “Análise Documentária” na literatura da Documentação, e tornou-se uma das principais referências na pesquisa sobre representação documentária. Uma de suas grandes contribuições foi utilizar os parâmetros lingüísticos para propor a organização de Linguagens Documentárias, (LARA, 1999, p.52-4), o que mostra seu pioneirismo.

Já em 1966, GARDIN apresenta a idéia do que viria a ser conhecido como Linguagem Documentária. O termo inicialmente usado por ele foi Léxico Documentário, que o autor define como “uma lista de termos, organizados ou não, quer servem à indexação documentária”, ou ainda, como um inventário das correspondências entre os termos dessas listas e as palavras ou frases em linguagem natural que eles representam (GARDIN, 1966, p.175).

No mesmo ano, COYAUD (1966) usa em seu livro o termo Linguagem Documentária, que define como “um sistema de signos” que permite a comunicação entre usuário e documentalista quando o primeiro busca um documento ou referência (1966, p.5). COYAUD foi um dos primeiros autores da área de Documentação a associar a Linguagem Documentária à comunicação.

Alguns anos mais tarde, em artigo sobre Análise Documentária e Lingüística, GARDIN utiliza o termo 'Linguagem Informacional', que seria usado para as classificações e

Linguagens de Indexação, cobrindo tanto listas de termos de índice ou descritores (GARDIN, 1973 p.141).

CROSS e outros (1968, p.26), em pesquisa coordenada por GARDIN, já adotam o termo Linguagem Documentária em seu trabalho. Os autores afirmam que Linguagem Documentária é “todo conjunto de termos, e em alguns casos de procedimentos sintáticos convencionais, utilizados para representar um certo conteúdo de documentos científicos, para fins de classificação ou de pesquisa retrospectiva de informação”. Eles acreditam que usamos as Linguagens Documentárias, pois precisamos 'condensar' o conteúdo de textos científicos, a fim de acelerar a consulta, ao preço admitido de uma certa perda de informação; precisamos normalizar a expressão desse conteúdo para que noções ou temas análogos sejam sempre designados pelos mesmos termos ou grupos de termos.

Um pouco mais tarde, GARDIN trabalha com o conceito de metalinguagem, que define como um sistema simbólico que faz a mediação entre textos e sua representação (GARDIN², 1974, citado por KOBASHI, 1989, p.48). A menção à metalinguagem, neste texto, tem a finalidade de fazer ressaltar o caráter simbólico do vocabulário organizado para gerar as representações de textos. Nota-se que o termo 'metalinguagem' não é utilizado para substituir o termo Linguagem Documentária, mas para ressaltar uma de suas características.

No mesmo ano, CHAUMIER (1974) trabalha com as linguagens documentais, classificando-as em dois grupos: linguagens combinatórias (léxicos) e linguagens de estrutura hierárquica (classificações). CHAUMIER³ (1978, p.17, citado por TÁLAMO, 2001, p.145) destaca, em texto posterior, que “embora a noção de linguagem documentária seja tão antiga quanto os primeiros sistemas documentários, sua utilização nem sempre foi acompanhada do rigor necessário”.

HUTCHINS, autor inglês que também emprega o termo, considera que as Linguagens Documentárias são os meios de comunicação em sistemas de informação (HUTCHINS, 1975, p.3) entre documentos e leitores potenciais (idem, p.9). O autor considera que linguagens como os sistemas de classificação decimal são Linguagens Classificatórias, enquanto que linguagens como os tesouros são Linguagens de Indexação. Em nota de rodapé, ele reafirma que o termo Linguagem Documentária é mais abrangente (idem, p.9). Ao fazê-lo, HUTCHINS demonstra a necessidade de caracterizar os instrumentos que apresentam um espectro mais amplo de relações entre seus termos como sendo mais característicos de uma 'linguagem' em seu sentido efetivo. Para o autor, “as propriedades estruturais características das Linguagens Documentárias são largamente determinadas pelos seus requisitos funcionais particulares” (idem, p.11).

Em 1987, os espanhóis GARCÍA GUTIÉRREZ e LUCAS FERNÁNDEZ utilizam o termo Linguagem Documentária⁴, definindo-as como linguagens que “oferecem normas para indexar univocamente os documentos e as demandas estabelecidas pelos usuários com o fim de produzir mínimos índices de ruído e silêncio documentário” (GARCÍA GUTIÉRREZ e LUCAS FERNÁNDEZ, 1987, p.67). Os autores também enfatizam suas funções de organização ou classificação dos dados de um campo científico, técnico ou especializado e a unificação dos critérios de análise da informação na fase de entrada do sistema, com os da recuperação da informação, na fase da saída.

Para GARCÍA GUTIÉRREZ, a Linguagem Documentária é um sistema híbrido “com estrutura e funções próximas (...) aos sistemas naturais” (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1990, p.33). Pode-se observar que o autor ressalta a noção estrutural que subjaz à Linguagem Documentária, uma vez que afirma a significação como resultado de relações opcionais, noção fundante do conceito de estrutura.

GARCÍA GUTIÉRREZ pensa a Linguagem Documentária como um instrumento comutador e referencial do sistema (1990, p.79), cuja função é estritamente informativa

(idem, p.70), e que intervém como mediadora nos processos de Análise Documentária (idem, p.71).

No dicionário francês organizado por CACALY (1997, p.370-2) temos que: “uma linguagem documentária é uma linguagem artificial, uma metalinguagem, constituída de noções e de relações entre essas noções” ou “um sistema de representação sintético do conteúdo de textos”, cuja finalidade é “formalizar as noções contidas nos documentos e na expressão de solicitações de informações”, e ser usada “para indexação e pesquisa documentária”.

Em 1998, GARCÍA GUTIÉRREZ volta a definir Linguagem Documentária, agora como “dispositivo léxico construído artificialmente para a análise e a recuperação de um sistema de informação” (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1998, p.90). Neste trabalho, o autor afirma que as Linguagens Documentárias em geral ignoram o comportamento enunciativo (idem, p.13), e sugere trabalhar a Linguagem Documentária como uma linguagem associativa, baseada em estruturas de organização horizontal, criada a partir de cenários que reproduzem construções discursivas em uma área do conhecimento. Este novo instrumento o autor denomina Linguagem Epistemográfica (idem). No quinto capítulo apresentaremos as características dessa linguagem de forma mais detalhada.

Pode-se afirmar que, a partir dos anos 80, de acordo com os textos pesquisados, portanto, todos os autores aqui citados passam a trabalhar com o termo Linguagem Documentária, que engloba características já levantadas desde os anos 60, e que foram sucessivamente refinadas e enriquecidas. Assim, poderíamos dizer que:

Em relação à sua denominação, as Linguagens Documentárias foram chamadas de Léxico Documentário, Linguagem Informacional, Metalinguagem, Linguagem de Indexação, Linguagem Documental, Linguagem Classificatória, Linguagem Artificial, e Linguagem Controlada. Acreditamos que as Linguagens Documentárias trazem um pouco de cada um desses conceitos, e de certa forma conseguem abrangê-los; para demonstrar isso, propomos o seguinte quadro:

Quadro 1 - Linha Francesa: Denominações para as Linguagens Documentárias

| Denominação | Abrangência |
|---------------------------|---|
| Léxico Documentário | Constituído por um léxico; Tem regras de combinação; É utilizado para o tratamento de documentos. |
| Linguagem Informacional | Sistema para levar informação dos documentos aos usuários, Meio de comunicação. |
| Linguagem de Indexação | Indexação de informações. |
| Linguagem Classificatória | Classificação de informações. |
| Linguagem Documental | Termo adotado pelos autores espanhóis, e portugueses, contrariamente ao que se adota no Brasil que é mais próximo do uso francês. |
| Linguagem Artificial | Linguagem construída, não natural. |
| Linguagem Controlada | Seus termos e sua organização são normalizados. |
| Metalinguagem | Descrevem a linguagem natural. |

Quanto às suas funções, os autores concordam sobre o caráter organizador das Linguagens Documentárias, como também sobre seu papel de intermediação entre informação (do sistema) e usuário. São expressões que denotam as funções documentárias as relacionadas abaixo:

Quadro 2 - Linha Francesa: Funções das Linguagens Documentárias

| Funções |
|---------------------------------|
| Termos para indexação |
| Recuperação de informação |
| Classificação da informação |
| Normalização da expressão |
| Sistema simbólico para mediação |
| Meio de Comunicação |
| Descrição da Linguagem Natural |

As Linguagens Documentárias também vão sendo refinadas quanto à proposição de suas características formais. De uma lista de termos, vão a léxico, passam a incorporar a necessidade de procedimentos sintáticos, até serem reconhecidas formalmente como estruturas com significação dada pelo uso. Ou seja, mais do que um instrumento com a função de indexar, as Linguagens Documentárias passam a ser reconhecidas como um tipo de linguagem.

Nota-se, portanto, que houve crescimento teórico na formulação das características que identificam uma linguagem para fins de indexação, fato que contribui enormemente para superar a noção de uma lista de termos usados para representar conteúdos de documentos. A noção de arranjo é progressivamente construída.

3.2. A Linha Brasileira

A linha brasileira, representada por integrantes do Grupo Temma, apresenta muito em comum com a linha européia. De fato, a linha nacional se institui e se firmou a partir do conhecimento teórico dos autores europeus, em particular, de Jean-Claude GARDIN, trazido principalmente por Johanna W. Smit, que estudou com Gardin na França nos anos 70.

Formado em 1986, o Grupo Temma é composto, em sua maioria, por pesquisadores e professores do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, e integra, também, alguns pesquisadores da UNESP-Marília. Sua preocupação principal se dirige à construção de conhecimentos relacionados à organização da informação⁵. Nota-se que o Grupo, inicialmente organizado em torno da noção de Análise Documentária, vai progressivamente alterando seu vocabulário para aproximá-lo das questões gerais de organização da informação. Antes, porém, de abordar esse aspecto, faremos uma retrospectiva do uso do termo Linguagem Documentária no Grupo. Vale ressaltar o papel da professora doutora Johanna W. Smit, do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Ela estudou na França com Jean-Claude Gardin e trouxe ao Brasil muito de suas idéias, com o que formou o Grupo Temma, e logo em seguida coordenou a publicação do livro *Análise documentária: a análise da síntese*⁶, considerado literatura de referência para a Documentação, e cujos textos são citados neste trabalho.

Em 1983, CINTRA afirma que as Linguagens Documentárias “possuem uma gramática que corresponde a um conjunto de regras ou instruções (relações booleanas, indicadores de funções, etc)” (1983, p.5).

VALE (1987, p.14) trabalha com o conceito de Linguagem Documentária aproximando-o da linguagem de indexação, e diz que “A escolha de uma linguagem de indexação é fator essencial para a eficácia de um sistema de recuperação de informação”.

No mesmo livro, CUNHA (1987, p.41) refere-se ao termo Linguagem Documentária apresentando-o como gênero de léxico que serve para a “conversão entre conceitos apresentados de forma independente nas diversas linguagens, e conceitos de leitura “universal” definidos pela própria Análise Documentária”.

Em sua dissertação de mestrado, GUIMARÃES (1988, p.5) utiliza o termo linguagem de indexação para discutir a questão da recuperação de informações. Ele também adota a divisão feita por CHAUMIER⁷ (citado por GUIMARÃES, 1988, p.86), de linguagens de estrutura hierárquica, que abrangem os sistemas de classificação, e linguagens de estrutura alfabética ou combinatória, como os índices e tesouros.

Para GUIMARÃES, as Linguagens Documentárias são linguagens artificiais ou linguagens de indexação, que visam “ao controle do vocabulário e à padronização da linguagem no processo de busca” (1988, p.89), e preocupam-se com a transmissão do conteúdo dos documentos. Os termos dessas linguagens não teriam “em primeiro plano, o compromisso de serem fiéis ao vocabulário do usuário” (idem, p.103), mas uma fidelidade com o vocabulário especializado (idem, p.103).

No mesmo ano, FUJITA usa a expressão linguagem de indexação, cujo objetivo seria “representar o significado e o conteúdo dos documentos a serem recuperados através do índice” (FUJITA, 1988, p.24-25).

Em 1990, CUNHA define a Linguagem Documentária como uma “gramática, sintaxe construída a partir de um campo semântico previamente determinado” (1990, p.65). A autora propõe uma diferenciação quanto ao termo Linguagem Documentária, no singular, como sistema geral, e Linguagens Documentárias, no plural, como os “processos diversificados capazes de traduzir conteúdos de documentos em informações” (idem, p.19).

Em sua tese de doutorado, FUJITA (1992, p.17) trabalha com conceitos de VAN SLYPE⁸ para Linguagem Documentária ou linguagem de indexação, afirmando que é “um sistema de representação do conteúdo dos documentos e das perguntas, tendo como finalidade a recuperação dos documentos. Para isso é dotada de estrutura própria, controlada, padronizada e hierarquizada” e tem como objetivo “assegurar o controle do vocabulário para assuntos gerais e específicos”. A autora considera o tesouro como a Linguagem Documentária mais característica.

TÁLAMO e outras (1992, p.197) introduzem no tratamento do tema Linguagem Documentária, as questões terminológicas, ao afirmarem que são “instrumentos de controle terminológico que atuam em dois níveis: a) na representação da informação obtida pela análise e síntese de textos; b) na formulação de equações de busca da informação”.

De acordo com LARA, “As LDs são tradicionalmente denominadas instrumentos comutadores ou de conversão, uma vez que permitem representar a informação presente numa determinada forma lingüística em outra forma, dita documentária” (LARA, 1993, p.4 – nota de rodapé 2). A autora, em sua dissertação de mestrado, propõe observar outros aspectos das Linguagens Documentárias, como destacamos a seguir: a identificação das Linguagens Documentárias com “sistemas de significação, com a função de normalizar os conceitos de área, controlar seu uso e viabilizar a interface documentação-usuário” (idem, p.66).

O texto de LARA propõe afinar as distinções entre a Linguagem Documentária e instrumentos que têm características parecidas. Para a autora as Linguagens Documentárias “não são taxionomia ou nomenclatura, não podendo pressupor, portanto, biunivocidade da relação significado-significante” (1993, p.78). LARA propõe distinguir as Linguagens Documentárias dos léxicos, dos vocabulários, das nomenclaturas e das terminologias, como também das metalinguagens (idem, p.70-71). Os *léxicos* seriam “conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, atividades humana etc” (DUBOIS e outros, 1988, citados por LARA, 1993, p.70); os *vocabulários*, “conjunto das ocorrências que integram um determinado *corpus* discursivo, como uma lista de unidade da fala” (DUBOIS e outros, 1973, citados por LARA, 1993, p.70); a *nomenclatura*, um instrumento que pressupõe “biunivocidade da relação significante-significado” (DUBOIS e outros, citados por LARA, 1993, p.70); as *terminologias*, “conjunto de termos de uma área, definidos rigorosamente para designar as noções que lhes são úteis” (DUBOIS e outros, citado por LARA, 1993, p.70), e a

metalinguagem ,“uma semiótica cujo plano de conteúdo é, ele próprio, uma semiótica (HJELMSLEV, 1975, citado por LARA, 1993, p.71). LARA enfatiza a importância de uma característica comunicativa, tal como COYAUD havia feito antes.

Ao utilizar as referências à linguagem científica, feitas por GRANGER, LARA propõe observar melhor a proximidade da Linguagem Documentária do sistema de significação das ciências (1993, p.72), associando, a partir daí, as Linguagens Documentárias às terminologias. LARA afirma que uma Linguagem Documentária deve remeter ao simbolismo das ciências, “e não valer-se de sua incidência texto a texto”. Assim, as Linguagens Documentárias não deveriam ser vistas apenas como denominações, mas a partir do conceito de representação, permitindo a separação do processo de elaboração das Linguagens Documentárias do processo de análise de textos com fins documentários (*idem*).

Pode-se identificar nessa passagem, uma preocupação que se tornará progressivamente mais clara em outros textos, em afirmar uma separação de procedimentos de Análise Documentária e de construção de Linguagens Documentárias.

Em 1994, GUIMARÃES afirma que as Linguagens Documentárias são “os instrumentos (ferramentas) para que se efetue a tradução de conceitos anteriormente identificados e selecionados no documento” (1994, p.229). Para o autor, é possível dizer que “as estratégias de análise monitoram a utilização das linguagens de indexação e não vice-versa” (*idem*, p.5), e as linguagens de indexação seriam, então, uma decorrência desse processo, refletindo “um conjunto documentário em uma determinada realidade de busca informacional” (*idem*, p.9). A afirmação de GUIMARÃES difere, nesse sentido, da de LARA no que diz respeito à autonomia do processo de construção da Linguagem Documentária.

Em apostila de 1995, KOBASHI fala em Linguagens Documentárias e linguagens construídas, e considera que esses instrumentos seriam formados por um léxico reduzido e uma sintaxe precária (*idem*, p.41).

De modo retrospectivo, TÁLAMO (1997, p.2) afirma que somente por volta de 1970 o termo Linguagem Documentária afirmou-se na literatura, junto com a difusão do tesauro documentário, que é um tipo de Linguagem Documentária. Para ela, a atividade documentária não objetiva a organização como um fim em si mesma, mas como forma de tornar acessível e possibilitar a circulação efetiva da informação. Neste ponto nota-se que TÁLAMO retoma a divisão proposta na linha europeia, onde o desenvolvimento das Linguagens Documentárias não é função da Análise Documentária, e sim um instrumento de organização.

A noção de Linguagem Documentária é aperfeiçoada quando TÁLAMO propõe vê-la como construção feita a partir de hipóteses sobre a organização do conhecimento que dêem conta de determinada demanda de informação, tendo por variáveis a instituição, a área de conhecimento, o tipo de atividade, e os segmentos sociais envolvidos (TÁLAMO, 1997, p.12).

A autora ressalta, entretanto, que para que tal linguagem funcione efetivamente, ela deve ser construída de forma a garantir a presença de um sistema de relações que permita que ela se apresente como estrutura. Só dessa maneira é possível afirmar que suas unidades tenham significado e possam ser utilizadas como referência na representação dos textos que são objetos de sistemas documentários (*idem*, p.4). Vê-se, aqui, a importância que a autora confere à noção de estrutura.

TÁLAMO afirma que, em relação ao conhecimento registrado, a LD é uma metalinguagem que o re-elabora como informação. Pode-se afirmar que a autora recupera a abordagem de GARDIN tornando-a mais clara, conferindo à Linguagem Documentária algo que não foi reconhecido por GARCÍA GUTIÉRREZ e LARA em relação à identificação de Linguagem Documentária e metalinguagem. Verifica-se que, do mesmo modo, que a autora enfatiza a noção de estruturação como sistema de relacionamento interno à própria

Linguagem Documentária, quando afirma que, assim como a relação entre a linguagem natural e a realidade, a Linguagem Documentária não se define em relação a acervos, mas "por força das relações que respondem pela organização da hipótese de representação do conhecimento" (TÁLAMO, 1997, p.10-12).

A definição mais formal de Linguagem Documentária proposta por TÁLAMO (idem, p.10) é a que segue:

"De maneira geral, define-se linguagem documentária (LD) como uma linguagem construída, oposta à natural, portanto, que tem como objetivo específico tratar a informação para fins de recuperação. Atualmente as questões relativas à sua construção são tratadas pela Lingüística Documentária e aquelas relativas ao seu uso encontram-se integradas às questões mais amplas relativas ao tratamento e à recuperação da informação, discutidas no âmbito da Análise Documentária (AD)".

LARA, em 2002, novamente comenta o fato da Linguagem Documentária ser uma maneira de organizar a informação para mapear uma área e transferi-la a determinados grupos que apresentam objetivos específicos. Para a autora, "a linguagem documentária configura-se como instrumento facilitador da comunicação em contextos documentários específicos" (LARA, 2002).

Para CINTRA e outras (2002, p.15), "com os limites próprios de uma linguagem construída, as linguagens documentárias – LDs – se valem de quase todos os conceitos apresentados para a LN [linguagem natural], constituem sistemas onde as unidades se organizam em relações de dependência". Para as autoras, "compete às LDs transformar estoques de conhecimento em informações adequadas aos diferentes segmentos sociais (idem, p.16-7). Elas também consideram as Linguagens Documentárias são "construídas para indexação, armazenamento e recuperação da informação e correspondem a sistemas de símbolos destinados a 'traduzir' os conteúdos dos documentos" (idem, p.33).

Em outro trabalho (LARA, 2003), LARA observa que não há uma relação biunívoca entre o que é representado e a forma da representação, já que a Linguagem Documentária é, em si, um sistema de significação construído a partir de uma hipótese de significação, o que significa dizer que ela é, também, um signo particular.

A autora reafirma, também, o caráter estrutural das Linguagens Documentárias:

"Uma linguagem documentária só poderá ser propriamente linguagem se tiver características estruturais que a permitam funcionar como tal. É por essa razão que as linguagens documentárias mais modernas, como os tesouros, apresentam-se como estruturas, que compreendem relações de natureza lógica, ontológica, associativa e de equivalência. O léxico de uma linguagem documentária se organiza como uma rede paradigmática e dispõe de regras de combinação (rede sintagmática), que a despeito das diferenças relativamente à potencialidade de produzir enunciados como os de língua, permite a formação de sintagmas, combinação de conceitos que podem expressar temas informacionais".

Como lembram BOCCATO e FUJITA (2006, p.28) "a linguagem documentária, enquanto veículo de comunicação, deve representar os campos conceituais respeitando a cultura da comunidade à qual a linguagem serve".

Portanto, podemos verificar ao longo dos anos, a afirmação do termo Linguagem Documentária como um conceito enriquecido, agregando àquele apresentado pela vertente europeia, outras características que enfatizam seu caráter de 'linguagem'.

A breve revisão permite ver que prevaleceu o termo Linguagem Documentária sobre o termo linguagem de indexação nas linhas europeia e brasileira (esta última, ao menos no âmbito do Grupo Temma), o que permite afirmar que seu desenvolvimento corrobora uma visão mais abrangente do instrumento de indexação ao ressaltar os aspectos que reforçam as características de linguagem.

Reconhece-se a função de metalinguagem da Linguagem Documentária, e se propõe incorporar à sua elaboração hipóteses de organização do conhecimento, que devem respeitar os interesses e necessidades de variáveis como os usuários, a instituição que gera e organiza a

informação, a área de conhecimento ou atividade, entre outros. De um léxico reduzido e sintaxe precária, ela passou a ser elaborada seguindo parâmetros lingüísticos sendo, portanto, compreendida como uma estrutura cujos termos devem necessariamente estar relacionados para que possam significar de modo determinado.

Fora do Grupo Temma, a questão da Linguagem Documentária também é observada por DODEBEI, em seu livro 'Tesouro'. Para a autora, entre as funções da Linguagem Documentária estão: a função de organizar um campo conceitual, a função de servir como instrumento para a distribuição de documentos, e a função de controlar dispersões léxicas nos processos de análise documentária (DODEBEI, 2002, p.57).

Na linha brasileira, identificamos um aproveitamento e aprofundamento das questões levantadas pela linha européia. Para continuar as sistematizações, podemos propor o quadro que co-relaciona denominações à abrangência de aplicação dos termos:

Quadro 3 - Linha Brasileira: Denominações das Linguagens Documentárias

| Denominação | Abrangência |
|---------------------------|--|
| Linguagem de Indexação | Indexação de informações Recuperação de Informações Controle do vocabulário Tradução de conceitos Uso de Tesouros e Índices Léxico Reduzido Regra de Uso |
| Linguagem Classificatória | Classificação de informações Uso de Esquemas de Classificação |
| Linguagem Artificial | Linguagem construída, não natural |
| Metalinguagem | Reelaboração do conhecimento como informação |
| Linguagem Construída | Oposta a Natural Recuperação de Informação Tratamento da Informação |

Quanto às funções, observamos a ênfase na questão de significação das Linguagens Documentárias, preocupação ligada à necessidade de circulação de informações:

Quadro 4 - Linha Brasileira: Funções das Linguagens Documentárias

| Funções |
|--|
| Conversão de conceitos |
| Recuperação de informação |
| Classificação da informação |
| Controle do vocabulário |
| Controle Terminológico |
| Transmissão de conteúdo |
| Sistema simbólico para mediação |
| Meio de Comunicação |
| Descrição da Linguagem Natural |
| Representação das perguntas ao sistema |
| Sistemas de Significação |
| Construção feita a partir de hipóteses sobre a organização do conhecimento |
| Propiciar a circulação de informação |

Atualmente, observa-se, no Grupo Temma, que determinados autores têm investido nos estudos das relações entre a Linguagem Documentária e a Terminologia. Postergaremos a discussão para centrarmos nos aspectos comparativos que permitem falar das principais características da Linguagem Documentária analisadas até agora neste trabalho.

3.3. Linha Francesa e Linha Brasileira: Quadro comparativo

A partir do levantamento feito anteriormente, podemos propor uma sistematização dos conceitos de Linguagem Documentária. Reunimos, nos quadros a seguir, aspectos das Linguagens Documentárias relativos à sua estrutura, características e funções.

Quadro 5 - Estrutura, Características e Funções das Linguagens Documentárias

| Estrutura | Características | Funções |
|---|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> - Léxico de noções ou conjunto de termos; - Sistema estrutural de relações; - Conjunto de regras e símbolos; - Hipótese para a organização dos termos (organização da informação); - Parâmetros lingüísticos e terminológicos como base da organização dos termos | <ul style="list-style-type: none"> - Linguagem construída, Metalinguagem; - Sistema de representação sintético para representar o conteúdo de documentos; - Ponte entre os documentos e os usuários. | <ul style="list-style-type: none"> - Organização ou classificação dos dados de um campo científico; - Indexação, armazenamento, recuperação de informação; - Tradução de documentos e solicitações; - Controle terminológico; - Condensação dos conteúdos; - Normalização da expressão; - Organização dos termos em classes semânticas; - Instrumento de representação de conhecimento; - Visualização do mapa de conhecimento de uma área; - Reelaboração do conhecimento como informação |

As Linguagens Documentárias, portanto, funcionam como Instrumento de comunicação para contextos específicos, como uma construção que atende, simultaneamente, aos objetivos e necessidades de seus usuários, da instituição que produz e organiza o conhecimento, das atividades, etc.

Pelo exposto, verifica-se que as Linguagens Documentárias utilizam, em sua elaboração, referências a parâmetros lingüísticos, principalmente os da lingüística estruturalista. Para que essa observação se torne mais clara, procuraremos explorar melhor a noção de estrutura no quadro da Lingüística Estruturalista e suas influências na Documentação via Lingüística Documentária.

4. Considerações finais

A evolução do conceito de Linguagens Documentárias passou por diversos momentos, que levaram em conta diversas de suas características. A começar pelo entendimento de qual seria o campo responsável por sua elaboração e desenvolvimentos, até suas próprias funções enquanto uma linguagem para representar o conteúdo de documentos. Neste ponto, identificamos diversas abordagens, que fizeram variar sua denominação e objetivos.

As linhas francesa e brasileira, em sintonia, apontaram para o conceito que hoje temos de Linguagem Documentária, como um instrumento para uso em contexto específico, que pretende sintetizar e agrupar documentos, tendo em vista sua recuperação, e, portanto, a circulação das informações que os formam.

No entanto, não se deve esquecer do papel da Lingüística Estruturalista e da Terminologia para o desenvolvimento das Linguagens Documentárias. Essas áreas muito contribuíram para o que hoje conhecemos como Linguagem Documentária, e cujos estudos ambas as linhas francesa brasileira têm levado em conta. Conhecendo-se o conceito de Linguagem Documentária, somando-o às noções de estrutura lingüísticas e da Terminologia, temos as ferramentas para o desenvolvimento adequado da ferramenta.

REFERÊNCIAS

- BOCCATO, V.R.C.; FUJITA, M.S.L. Avaliação da linguagem documentária DeCS na área de fonoaudiologia na perspectiva do usuário: estudo de observação da recuperação da informação com protocolo verbal. **Encontros Bibli**, Florianópolis, n. 21, p. 16-33, 1o. sem. 2006.
- CACALY, S. (coord). **Dictionnaire encyclopédique de l'information et de la documentation**. Paris: Nathan, 1997.
- CHAUMIER, J. **As técnicas documentais**. Apartado 8: Publicações Europa-América, 1974.
- CINTRA, A.M.M. Elementos de lingüística para estudos de indexação. **Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p.5-22, 1983.
- CINTRA, A.M.M. et al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Polis, 2002.
- COYAUD, M. **Introduction a l'étude des langages documentaires**. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1966.
- CROSS, R.C. et al. **L'automatisation des recherches documentaires**. Paris: Gauthier-Villars, 1968. 2. ed. revue et augmentée.
- CUNHA, I.M.R.F. Análise documentária. In : SMIT, J.W. (coord.). **Análise documentária : a análise da síntese**. Brasília : IBICT, 1987. 2. ed. p.39-62
- , **Do mito à análise documentária**. São Paulo : Edusp, 1990. (Teses, 11).
- DODEBEI, V.L.D. **Tesouro : linguagem de representação da memória documentária**. Niterói: Intertexto ; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.
- FUJITA, M.S.L. **Linguagem documentária em odontologia: uma aplicação do sistema de indexação PRECIS**. 1992. 3 v. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- , M.S.L. PRECIS: I – Precis: Perspectiva histórica e técnica do seu desenvolvimento e aplicação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 21, n. 1/2, jan./jun. 1988.
- GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. **Estructura lingüística de la documentación: teoría y método**. Murcia: Universidad, Secretariado de Publicaciones, 1990.
- , A. L. **Principios de lenguaje epistemográfica: la representación del conocimiento sobre Patrimonio Histórico Andaluz**. Sevilla: Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, 1998.

- GARCÍA GUTIÉRREZ, A.; LUCAS FERNÁNDEZ, R. **Documentación automatizada en los medios informativos**. Madrid: Paraninfo, 1987.
- GARDIN, J.C. Document analysis and linguistic theory. **Journal of Documentation**, v. 29, n. 2, p.137-68, June 1973.
- , J.C. Elements d' un modele pour la description des lexiques documentaires. **Bulletin des Bibliothèques de France**, n. 5, p. 171-182, 1966.
- GUIMARÃES, J.A.C. **A recuperação temática da informação em direito do trabalho no Brasil**: propostas para uma linguagem de indexação na área. 1988. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- , J.A.C. **Análise documentária em jurisprudência**: subsídios para uma metodologia de indexação de códigos trabalhistas brasileiros. 1994. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- HUTCHINS, W.J. **languages of indexing and classification**. Herts: Peter Peregrinus, 1975.
- KOBASHI, N.Y. Análise documentária: considerações sobre um modelo lógico-semântico. In: CUNHA, I.M.R.F (coord.). **Análise documentária**: considerações teóricas e experimentações. São Paulo: FEBAB, 1989.
- , **Análise documentária**: metodologias para indexação e resumo. 1995 (Apostila).
- LARA, M.L.G. **Representação documentária**: em jogo a significação. 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- , Terminologia (e terminologias) e documentação. In: SIMPÓSIO IBERO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA, 8., 2000, Lisboa. **Terminologia e indústrias da língua**. Lisboa: ILTEC, 2003.
- , A terminologia como instrumento para construção de ferramentas semânticas. In: **Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Ciência da Informação - CBBD**, 20., Fortaleza, jun. 2002. **Anais...** Fortaleza: s.n., 2002. (publicação em cd-rom).
- , **Representação e linguagens documentárias**: bases teórico-metodológicas. 1999. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- TÁLAMO, M.F.G.M. et al. Contribuição da terminologia para a elaboração de tesouros. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 21, n. 3, p.197-200, 1992.
- , **Linguagem documentária**. São Paulo: APB, 1997. (Ensaio APB, n. 45).
- , Terminologia e documentação. **TradTerm**, São Paulo, n. 7, p.141-151, 2001.
- TÁLAMO, M.F.G.M; LARA, M.L.G. O campo da lingüística documentária. **TransInformação**, Campinas, v. 18, n. 3, p.203-211, set./dez. 2006.
- VALE, E.A. Linguagens de indexação. In. : SMIT, J.W. (coord.). **Análise documentária**: a análise da síntese. Brasília: IBICT, 1997. 2. ed. p.13-28.

- ¹ Todas as traduções dos textos em idiomas estrangeiros constituem tradução livre da autora.
- ² GARDIN, J.C. **Les analyses de discours**. Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, 1974.
- ³ CHAUMIER, J. **Les langages documentaires**. Paris, EME: 1978.
- ⁴ No espanhol, utiliza-se “Lenguaje Documental”, mas convencionou-se traduzir o termo para o português como “Linguagem Documentária”, tal como os franceses. As traduções portuguesas adotam o termo 'linguagem documental'.
- ⁵ Mais informações sobre o Grupo Temma podem ser obtidas no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, CNPq. <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/resultbusca.jsp?campo=grupo&uf=branco&instituicao=branco&grandearea=branco&area=branco®ini=0&setor=branco&texto=Grupo+Temma&tipo=AND> [Acesso em: 14.12.2006].
- ⁶ SMIT, J.W. (coord.). **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: IBICT, 1987.
- ⁷ CHAUMIER, J. **Travail et méthode du/de la documentaliste: connaissance du problème**. Paris: ESF / Libr. Techniques, 1980.
- ⁸ VAN SLYPE, G. **Linguagem documentária e lingüística**. Trad. Córdélia R. Cavalcanti. Brasília: UNB; Departamento de Biblioteconomia, 1983.